

BILHETES DE MAPUTO

Preguiça moçambicana (Makhuwa?): legado colonial? Numa colecção de quatro artigos publicada no **DOMINGO** local, o professor Alberto Viegas, radicado em Nampula e com pelo menos quarenta anos de ofício, deu-me (nos) uma interessante lição sobre a história Makhuwa, lá para o Norte.

Mas a história tem sempre os seus problemas.

No segundo artigo, o professor Viegas defendeu que a origem da preguiça moçambicana (Makhuwa?) podia ser encontrada no trabalho forçado colonial e na constatação a que o colonizado chegou de que não valia a pena trabalhar porque «o fruto desse trabalho era exclusivamente para benefício do odiado colono explorador». Por isso, concluiu o professor Viegas: «Repetido durante séculos consecutivos, de geração em geração, o procedimento de trabalhar menos acabou por se tornar hábito e generalizar-se a toda a espécie de actividade. (...) Por esses e por outros motivos nasceu e enraizou-se a preguiça no seio da população.»

É uma hipótese «terrível» e penso que os gestores de recursos humanos do nosso país deverão tomá-la em conta.

Cá por mim guardo, arquivo todas as hipóteses, sobretudo agora, na PRÉ-história desta minha terra.

O senhorismo de guerra e terceiras-forças? A *Review of African Political Economy* (45/46), 1989, procurou analisar o militarismo e os «senhores de guerra» em África. O brilhante e ex-documentalista do Centro de Estudos Africanos da Universidade, Colin Darch, tentou avaliar o senhorismo de guerra aqui em Moçambique.

O África já se referiu ao fenómeno Naparama.

Aqui não há acordo sobre o termo: usa-se «naparama», «páramas», «barama», «namparamas».

Será o mesmo privado e camponês exército que actua em Nampula e na Zambézia?

O *Notícias* referiu que o «fenómeno páramas» estava a ganhar terreno e que em Mogovolas, distrito de Nampula, as «populações nativas» recusavam aquele exército, calculado em dois mil homens. O jornalista Alfredo Dacala escreveu que os «Barama» da Zambézia, chefiados pelo morto e ressuscitado Manuel António, eram já lenda e esperança em Inhambane. O mesmo periódico assinalava uma dura crítica do administrador de Mogovolas, que acusou os «namparamas» de irregularidade, indesejabilidade e atrocidade.

Sejam quais forem as razões, as causas e as consequências do fenómeno, parece razoável extrair a conclusão de que o **senhorismo de guerra** à margem do binómio clássico Frelimo/Renamo é, já, uma indiscutível realidade, um exemplo activo de «terceiras-forças» que adoptaram o que eu proporia chamar a «neutralidade actante».

Iniciação Makonde em Maputo: facto histórico na Informação. A nossa imprensa escrita não referiu o acontecimento. Mas a Televisão fez-lo, de uma forma breve é certo, mas fez-lo com oportunidade faz pouco tempo.

A comunidade Makonde radicada em Maputo assinalou o término dos seus ritos iniciáticos anuais.

Anualmente, no início do ano, a nossa Informação reporta a grande cerimónia-festa sulista das primícias, a do «bucanhe», bebida feita do fruto «canhe» (extraído da árvore «ncanhe»), com um alto dirigente presente ou com vários presentes.

Mas é a primeira vez que um órgão de comunicação social regista, ao vivo, uma cerimónia iniciática e, ainda por cima Makonde, de lá, do berço da luta de libertação. Se lá esteve algum dirigente? Bem, no curto apontamento televisivo não foi visto.

Mais do que o acontecimento iniciático, é mais histórico, em meu entender, o acontecimento informativo.

Bandidos armados da Renamo ou crianças armadas da Renamo? O complicado fenómeno negocial e prático que é a Renamo, tem perturbado as descrições de alguns dos nossos jornalistas.

Por exemplo, no *Domingo*, o ataque, sangrento e destruidor como sempre, a uma aldeia comunal de Domingo, levou à utilização de quatro epítetos dramáticos («bandidos armados da Renamo», «criminosos», «bandoleiros» e «malfeitores») antes que fosse referido ser o grupo atacante composto «por 90 homens (sic!), na sua maioria crianças com idades compreendidas entre os sete e os 15 anos».

Entretanto, o *Notícias* publicou um trabalho de um jornalista da AIM, pelo qual se soube que um não menos sangrento e destruidor ataque a uma aldeia, a 30 quilómetros de Maputo, foi levado a cabo por um «grupo de adolescentes».

Revelações dessa natureza não são novas nem raras, nem é falsa a realidade da instrumentalização de crianças e de adolescentes «filiados» (ou «filhados», como escreveu o velho Zurara na Crónica da Guiné) por rapto e iniciados e mantidos pelo selo do primeiro crime de sangue. De acordo com o *Time International*, nesse campo, Moçambique, por iniciativa da Renamo, está à frente de El Salvador, do Afeganistão dos «mujahedins», de Burma dos «Karen», do Camboja dos «khmer vermelhos», etc.

Sem dúvida que é menos dramático o problema de como descrever essas jovens e pobres máquinas de morte. Quer dizer: é menos dramático do que fazer o que as crianças e/ou os adolescentes fazem. Mas é dramático. Tal como é dramático para um exército governamental ter de lhes fazer frente ou ler que o inimigo foge ao confronto directo.

P.S. — Ó Manuel Frank, tu que aí estás, que me conheces, que andaste comigo lá no S. José em Tete (lembras-te?), tu que és o delegado da Renamo aí, olha lá, ó Frank, és capaz de me explicar essa história das crianças? Tu és da Renamo e eu da Frelimo, mas ambas temos a África e sei que me vais responder, que me vais explicar, se queres em nome do pouco que nesta vida nos uniu e, creio, nos une, vais, não vais? Escuta: quem sabe se eu fazendo a pergunta e tu respondendo-me e depois eu e depois tu, com calma, equilíbrio, quem sabe, perguntava, se não conseguiremos o que lá em Roma as nossas delegações, a tua e a minha, não conseguem?

CARLOS SERRA